

A FALÊNCIA DA CRÍTICA FRANCESA

Resenha de: HAMEL, Jean-François. *Camarade Mallarmé. Une politique de la lecture*. Paris: Éditions du minuit, 2014.

Larissa Drigo Agostinho*

A crítica parece de fato ter decretado sua absoluta falência. Desde os anos 90, sobretudo com a publicação de *O demônio da teoria* de Antoine Compagnon parece ter chegado o tempo de analisar o percurso dos anos de ouro da crítica francesa: o estruturalismo. Desde então a crítica tem se preocupado em “pensar” o legado destes tão profícuos anos da crítica, seja ela literária, filosófica e principalmente política, como quem procura pôr um a fim no tempo, uma era, um período histórico. Pôr um fim tem um sentido muito importante. Esta é sem dúvida uma maneira de fazer história, contar a história de um pensamento, com seu começo, seu meio, seu fim. O problema é que a crítica consegue apenas, nestes exercícios exegéticos, anunciar *o seu desejo de pôr fim ao estruturalismo*. Ela ainda é incapaz de formular que crítica o substituirá. Assim podemos dizer que estes exercícios de elaboração do passado, que visam estancar e minar a criatividade do período, sobretudo no campo político, são o verdadeiro sintoma da falência da crítica francesa. Pois ao se voltar sobre si mesma, ela deixa de lado aquilo que, por excelência, é o seu principal objeto de estudo, a literatura.

Um belo exemplo é o recentemente lançado *Camarade Mallarmé*. Na esteira de trabalhos como o de Thierry Roger *Les archives du Coup de dés* Jean-François Hamel procura, ao analisar as leituras tão diversas do poeta francês, traçar uma hermenêutica, ou o que chama de “Política da leitura”.

Thierry Roger se consagrou ao estudo da fortuna crítica do célebre poema mallarmeano buscando construir à maneira de Foucault, uma arqueologia do poema.

Ce que l'on nomme « savoir » n'est jamais que discours, effet de discours et discours de discours. L'ensemble des choses dites se nomme *archive*, et *archéologie*, par la vertu d'un calembour modifiant le sens courant du terme, désignera ce travail de « description de l'archive ». Foucault envisage alors l'archive, ou le discours, comme la « masse des choses dites dans une culture,

* Doutoranda pela Universidade de Paris IV Sorbonne. E-mail: larissa_drigo@yahoo.com.br

valorisées, réutilisées, répétées, transformées » ; c'est aussi une « pratique qui a ses règles ». Le travail archéologique vise les « opérations qui donnent naissance » à l'archive ; il est effort d'exhumation des soubassements invisibles de la science, ce qui fait de l'archéologie un processus de dévoilement de « l'inconscient du savoir », inconscient discursif soumis à des règles. (Roger, 2008, p. 15)

O objetivo do autor é de transpor uma arqueologia para o campo da crítica literária. A crítica literária aqui se entende como o conjunto dos discursos universitários ou não, históricos e teóricos, biográficos ou formalistas, que tomam a obra de Mallarmé, ou o poema como seu objeto. Estes discursos, compreendidos como práticas, formam o arquivo do Lance de dados. (Roger, 2008, p. 17)

Mas Hamel vai mais além, ele quer analisar as diferentes correntes políticas do século XX que se reclamaram de Mallarmé para demonstrar que a leitura é sempre um exercício político. “Or la figure du camarade Mallarmé condense l’imaginaire e la théorie française du dernier siècle et révèle les temporalités hétérogènes qui innervent son idée de littérature. » (Hamel, 2014, p. 14)

Mas o que significa “temporalidade heterogênea”? Desde a querela da nova crítica provocada com a publicação de *Racine* de Barthes, o que caracteriza a crítica estruturalista é seu anti-historicismo que entende a literatura como um trabalho da linguagem, deixando de lado o que sempre caracterizou a tradição crítica francesa, e seu apego histórico, ou seja, o estruturalismo procede ignorando a particularidade de cada momento histórico e sua influência determinante nas formas literárias. Desta maneira ao pensar uma “temporalidade heterogênea” Hamel não faz outra coisa a não ser anunciar a sua adesão ao preceito anti-historicista que justificaria o recurso constante do século XX à figura do poeta autor de *Um Lance de dados*. Eis o princípio ou pressuposto estruturalista que fundamenta a metodologia e seu conceito de leitura.

Para Jean-François Hamel (2014, p. 15) a figura do camarada Mallarmé « illustre la portée agnostique de la mémoire culturelle et la dimension politique des usages du passé que mobilisent les pratiques de lecture et d’interprétation. » Parece mais cômodo e prático atribuir ao leitor ou crítico a posição política de sua interpretação do que de fato se perguntar, ou ler, o texto mallarmeano. A política funciona assim para desqualificar o trabalho da crítica literária que realmente se preocupa em ler os textos. É a partir de distinções entre grupos e correntes políticas que deveríamos, portanto ler, classificar e julgar a crítica. A consequência mais grave deste tipo de afirmação que além de isentar o autor, ou lhe retirar a autoria de seu próprio trabalho (afinal ele está

morto), é que ela isenta o crítico da literatura da confrontação com o próprio texto literário para julgar e pensar a história da crítica literária.

A afirmação da autonomia literária levada para o campo da crítica literária acaba politizando-a mais do que nunca. Pensar a fortuna crítica mallarmeana se torna apenas uma questão política e não mais uma questão literária. O que desqualifica tanto a literatura, fazendo abstração de sua concretude e materialidade, como a crítica fazendo abstração da concretude do seu trabalho, do esforço de compreender a forma artística. A literatura, assim como a crítica, se tornam um pretexto para fazer política. Eis o que de fato, a sociedade burguesa gostaria que acreditássemos: que a literatura assim como a crítica são inúteis em si mesmas, irrelevantes na construção do pensamento, assim como na sua capacidade, eminentemente política, de elaborar novas formas de vida, encontrar novos mundos, pensar fora dos clichês ideológicos.

A literatura assim como a crítica perde sua força crítica quando tudo se torna uma questão de interpretação. Pois a crítica não deve mais se preocupar em perguntar o que é ler, o que é interpretar, como ler, o que de fato produz um texto literário, como ele funciona... Trata-se apenas de afirmar a igualdade entre todas as leituras, a indistinção entre todas as interpretações, a relativização do trabalho crítico, da crítica, para chegarmos, onde Mallarmé mais temia, no mundo do jornal, onde todas as ideias são opiniões equivalentes umas às outras, manifestações apenas de diferentes “ideologias políticas”. O crítico, como um jornalista, descreve, narra (agora a história da crítica literária) sem ter que julgar ou decidir, ou seja, sem realmente pensar a real pertinência, o alcance e as consequências de diferentes ideias, pois são todas, apenas manifestações de pontos de vista distintos.

Não seria mais interessante nos perguntarmos por que o século XX ainda é capaz de viver com tanta atualidade um poeta do século XIX? Ou será que Mallarmé pertence mesmo a um tempo que já não é mais o nosso? A sociedade na qual ele viveu não teria alguma semelhança com a nossa? Seus problemas não são ainda, os nossos?

É partindo desta pergunta que Hamel investiga as mais diversas leituras e interpretações de Mallarmé e a maneira como elas contribuíram para formar diversas constelações e ideias de engajamento na literatura que vão de Gide à Rancière e Badiou. O autor procura contrapor a diversidade destas leituras políticas à ideia sartriana de engajamento, afirmando que uma política do texto começa com a leitura e sua tentativa de atualização do passado com vias à compreensão do presente, ou seja, diferentemente

da maneira como Sartre concebia o engajamento do autor, que deveria, segundo ele, escrever para seu tempo.

Seguindo a linha de Yves Citron, autor de *Lire, interpréter, actualiser. Pourquoi les études littéraires?* e *L’Avenir des humanités. Économie de la connaissance ou culture de l’interprétation?*- Hamel define a leitura como espaço de resistência ao presente. A arte política da interpretação é feita de retornos, montagens, desvios e traições. Traição que arranca o texto do seu estado petrificado pela tradição, o alimenta e atualiza, inscrevendo-o no presente para aumentar sua própria força.

Hamel entende que o camarada Mallarmé é um “indicateur privilégie des rémanences historiques et esthétiques qui ont façonné les politiques de la littérature qui se sont affrontés dans la France du XX siècle. » Ou seja, a referência da qual parte o crítico é o próprio texto de Jean-Pierre Faye “Camarade Mallarmé”, não a obra do poeta, e é a própria crítica que lhe servirá de base para demonstrar o caráter político do debate do estruturalismo francês. Já na introdução o autor claramente apresenta sua ideia sobre a política da literatura e seu lugar privilegiado:

(...) C’est à travers des gestes de lecture et d’interprétation, qui sont toujours des actes de mémoire, que se produit et se reproduit la signification politique des textes, au-delà des visées premières de l’écrivain et de ses partis pris idéologiques. Cette tradition interprétative, relancée de décennie en décennie, suggère en effet qu’ « aucun texte ne prescrit quoi que ce soit par lui-même, mais que ce sont toujours des interprètes qui *font dire* à ce texte *quelque chose qui leur est utile*. (Hamel, 2014, p. 17)

Já é questionável que uma afirmação deste porte seja feita com termos como “prescrição” ou “útil”. Um texto literário certamente não é útil e prescritivo como uma bula de remédio ou receita médica, mas isto significa que ele não manifesta, expressa ou formaliza nenhum desejo, questionamento, reivindicação ou ideia de natureza política?

A crítica nunca foi tão estruturalista lá onde parece querer negar o estruturalismo. Ela não cessa de se construir a partir de preceitos estruturalistas distorcidos e falsificados ao longo de décadas de leituras, (sempre políticas), e no mais das vezes, rasas. Seguindo clichês como a ideia da arte autônoma, (poema que pensa e fala sobre si mesmo) a crítica só consegue falar sobre si mesma. Pensa-se, e re-pensa, analisa, descreve procedimentos, enumera-os, classifica-os, constrói assim a sua história, morta, encerrada e enclacrada numa enciclopédia ou dicionário. Ela não se renova porque não pensa com a literatura, constrói conhecimento sobre si mesma e

deixa de lado as questões literárias, do estatuto da literatura, à sua força política, seus modos de pensar outros mundos que nos conduzem para além da história do pensamento, seja ele, social ou filosófico. Assim a crítica se volta sobre si mesma como quem se pergunta “o que fazer?” evitando o doloroso e delicioso confronto com o próprio texto literário, ela prolonga uma estéril exercício de recapitulação que parece apenas demonstrar a falência de seus recursos, a ausência de inventividade, de ousadia.

Ao pensar maio de 68 Deleuze afirmou que umas das principais reivindicações desta revolução que parecia não mais tolerar a sociedade contra a qual lutava era “Du possible, sinon j’étouffé” é tempo que a crítica reivindique mais literatura para não sufocar.

Referências bibliográficas

HAMEL, Jean-François. *Camarade Mallarmé. Une politique de la lecture*. Paris : Éditions du minuit, 2014.

ROGER, T. *Les archives Du Coup de dés*. 2008. Tese de doutoramento (Doutorado em literatura francesa). Université de Paris IV-Sorbonne. Paris: França, 2008. *Disponível em* : <http://www.theses.paris-sorbonne.fr/these.thierry.roger.pdf>. Consultado 02/02/2014.

Recebido em: 12.03.2014
Aceito para publicação em: 10.04.2014